

CULTURAS MARINHAS EM PORTUGAL

PESSOA, M.F. (1)(*) ; MENDES, B. (2); OLIVEIRA, J.S. (3)

(1) Professora Auxiliar ; (2) Professora Associada; (3) Professor Catedrático e Presidente do GDEH; (1)(2)(3) Grupo de Disciplinas de Ecologia da Hidrosfera, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Nova de Lisboa, Quinta da Torre, Monte de Caparica, 2829- 516 CAPARICA; Telef/ Fax: 212 948 543; E- mail: mfgp@fct.unl.pt; E- mail: bm@fct.unl.pt; E- mail: jfso@fct.unl.pt

RESUMO

A superfície de Portugal Continental juntamente com os arquipélagos dos Açores e Madeira é de 9200 Km². Com uma ZEE total de 1,6 MKm², é a mais extensa da Europa. O consumo médio anual em produtos do mar pela população portuguesa, estima-se em cerca de 58,5 kg/ por habitante sendo, por isso, o maior consumidor em produtos marinhos da Europa e um dos quatro países a nível mundial com uma dieta à base de produtos do mar. A sobreexploração dos recursos pesqueiros devido a uma falta de gestão haliêutica até meados dos anos 70, conduziu a uma situação difícil. A preservação dos recursos marinhos ainda existentes obriga os parceiros económicos a manter níveis de captura perto do zero. Os estuários em Portugal, em especial o estuário do Sado, oferecem condições particularmente privilegiadas, dados os elevados níveis de produtividade registados favorecendo, deste modo, a biodiversidade. O peixe e os produtos do mar são os constituintes de uma dieta tradicional local num clima com características mediterrânicas onde a experiência em actividades de produção aquícola constituem potenciais contribuições favoráveis à implementação de uma aquacultura com milhares de anos de existência e aperfeiçoamento. Neste estudo faz-se uma abordagem da situação da aquacultura em produtos do mar em Portugal e das suas propostas futuras.

1. EVOLUÇÃO DA AQUACULTURA MUNDIAL E NA EUROPA

A tendência crescente verificada na Aquacultura em todo o Mundo, e em Portugal em particular, deve-se, sobretudo, às necessidades de obtenção de proteína de origem animal perante o crescimento da população humana, como forma de complemento às capturas provenientes da Pesca, a qual, perante um estado de sobreexploração dos recursos, deixou de satisfazer as necessidades humanas em matéria de produtos do mar e, mais propriamente, em peixe. Além disso, o declínio das capturas comerciais provenientes da Pesca fez aumentar o custo dos produtos do mar, tendência que não deixará de ser crescente, face às restrições impostas pela Política Comum das Pescas pela redução dos efectivos disponíveis.

A Aquacultura define-se como um conjunto de actividades que dizem respeito à cultura de animais e vegetais aquáticos (de meio dulçaquícola ou marinho), caracterizando-se pela intervenção do Homem no ciclo biológico das espécies produzidas – daí muitos autores designarem por aquícultura em vez de aquacultura.

Apesar dos quatro mil anos de história (sendo o primeiro tratado de piscicultura conhecido de Fan-Li datado de 475 A.C.), a aquacultura desenvolveu-se como uma indústria mundialmente importante nos últimos 30- 40 anos (Fig. 1).

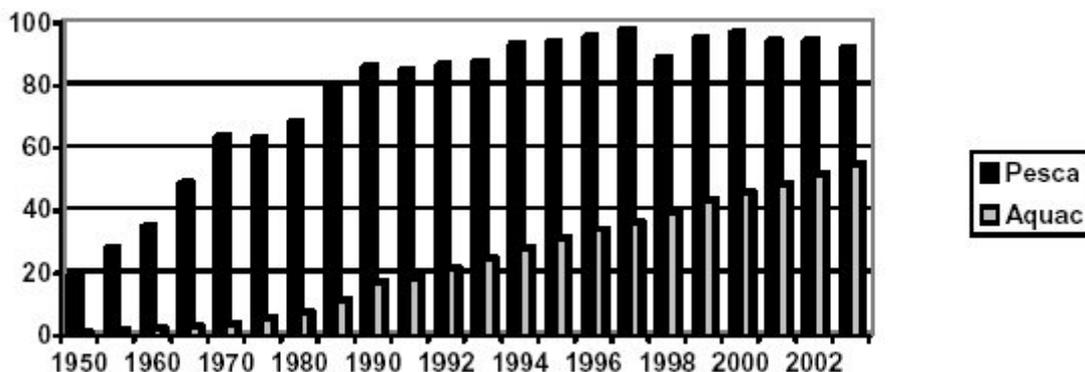


Fig.1 – Evolução da Pesca e da Aquacultura (10⁶ Toneladas) a nível Mundial no período entre 1950 e 2003 (Adaptado de [1]).

A Figura anterior ilustra claramente uma estagnação das capturas provenientes a Pesca a partir de 1994 e um acentuado crescimento da Aquacultura. Esse crescimento pode também ser visualizado na Figura seguinte (Fig. 2), registando-se em 2003, 37.4%:

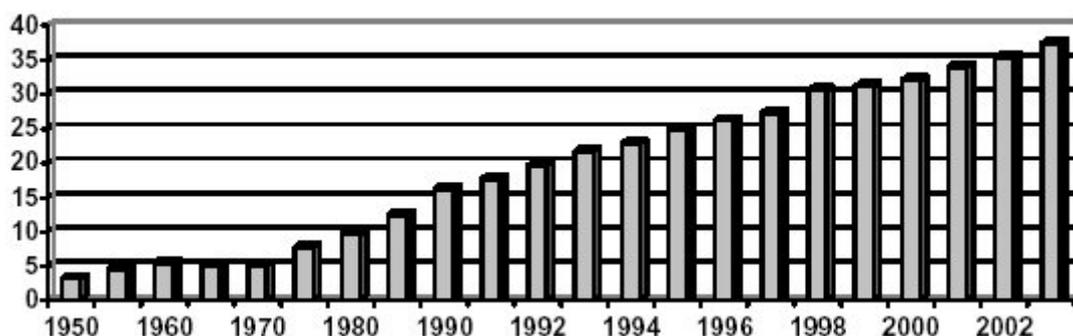


Fig. 2 – Evolução da Percentagem da Aquacultura relativamente à totalidade de produtos do mar, no período entre 1950 e 2003 (Adaptado de [1]).

A Tabela seguinte (Tabela I) apresenta a contribuição relativa de cada continente, para o ano de 2003, assim como o preço médio por quilo convertido em euros para uma melhor comparação com o exposto no decorrer desta exposição.

Tabela I – Proporção relativa de cada Continente na Aquacultura em geral e preço médio por quilograma (em euros)

Continente	Aquacultura (10 ⁶ Ton)	% relativa	Custo médio (€/Kg)
Ásia	50	91,2	0,9
Europa	2,2	4,0	1,9
América do Sul	1,1	2,0	3,0
América do Norte	0,9	1,6	1,7
Oceania	0,1	0,2	3,3

O Continente Asiático mantém largamente a maior proporção em produtos aquícolas, uma vez que engloba países como a China e a Índia, e curiosamente o preço mais baixo por quilo. Este facto é característico de uma Aquacultura de subsistência, com numerosa mão-de-obra e pouco investimento na formação técnica. A Europa segue-se à Ásia, sendo a Espanha o país da União Europeia que apresenta os valores de produção aquícola mais elevados (Tabela II).

Tabela II – Representatividade da Aquacultura (10³ toneladas) nos países da União Europeia em 2003 e comparação com as produções obtidas em 1999. Apresenta-se ainda o preço médio por quilo convertido em euros (Adaptado de [1]). (*)- Valor estimado pela FAO

País	1999	2003	€/Kg em 2003
Espanha	321	313	1.0
França	265	245	2.9
Itália	210	191	2.2
Reino Unido	155	181 (*)	2.4
Grécia	84	101	2.9
Alemanha	80	74	1.8
Holanda	109	67	1.5
Irlanda	44	62	1.5

Tabela II – (Continuação)

País	1999	2003	€/Kg em 2003
Polónia	34	35	1.9
Dinamarca	43	32	2.2
Rep. Checa	19	20	1.7
Finlândia	15	13	2.9
Hungria	12	12	2.3
Portugal	6	8	4.8
Suécia	6	6	2.5
Lituânia	2	2	1.4
Áustria	3	2	3.8
Eslovénia	1	1	2.4
Bélgica	2	1 (*)	2.8
Eslováquia	0.9	0.9	1.8
Malta	2	0.9	3.7
Letónia	0.5	0.6	1.1
Estónia	0.2	0.4	3.1

Considerando a evolução das produções da UE a partir de 1990, verifica-se que a Grécia passou de uma produção de 9 mil toneladas para as 101 mil em 2003. A Irlanda foi outro país que investiu na aquacultura, apresentando uma evolução marcada: de 26 mil toneladas (em 1990) para 62 mil em 2003.

O país europeu que apresentou em 2003 o custo mais levado por quilo foi a Suíça (9.2 €/Kg). Dentro dos países da UE, foi Portugal (4.8 €/Kg), Áustria (3.8 €/Kg) e Malta (3.7€/Kg) que apresentaram os valores por quilograma mais elevados. Espanha, apesar de ter registado a maior produção aquícola da UE (Tabela II), é também aquele que apresenta o custo médio por quilograma mais baixo (1.0 €/ Kg).

Actualmente a aquacultura ultrapassa já 1/3 do total dos produtos do mar. Dada a sua dimensão a nível mundial como actividade industrial que é, a aquacultura, só tem sentido quando integrada no ambiente natural, centrando a sua preocupação na segurança e na qualidade da água.

2. EVOLUÇÃO DA AQUACULTURA EM PORTUGAL

A Aquacultura em Portugal, apesar de registar um ligeiro crescimento (Fig.3) tem-se mantido, desde 2001, na ordem das 8000 toneladas.

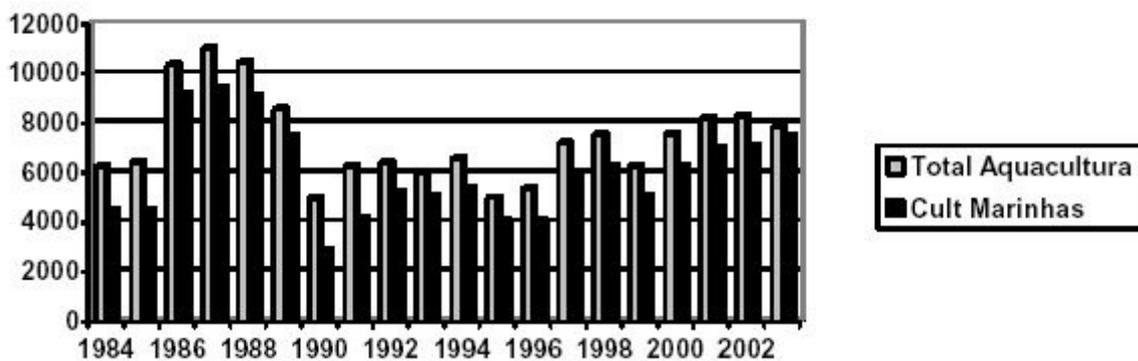


Fig. 3 – Evolução da Aquacultura em Portugal (em toneladas) entre 1984 e 2003. (Adaptado de [1], [2]).

Na UE, em 2003, a aquacultura representou cerca de 19% do total de pescado e em Portugal cerca de 3.5%. Verifica-se, pelo gráfico acima (Fig. 3) que as culturas marinhas apresentam, ao longo do tempo, uma proporção crescente nos produtos provenientes da aquacultura.

3. PRINCIPAIS ESPÉCIES PRODUZIDAS EM PORTUGAL

As culturas marinhas em Portugal (Fig. 4) tiveram início, pelo menos de uma forma representativa, em 1984.

Até 1998 a maior proporção baseou-se na cultura de bivalves. Dentro dos bivalves, é a amêijoia (*Ruditapes decussatus*) a espécie que regista maiores volumes tanto em peso como em preço. A partir de 1995 verifica-se um interesse crescente por parte dos profissionais do sector na produção de espécies piscícolas marinhas. Analisando as estatísticas oficiais, verifica-se que as maiores produções são de Dourada e Robalo. Recentemente já constam dos registos a Corvina e o Linguado Legítimo. O Pregado, outro pleuronectiforme além do Linguado, começou a ser produzido a partir de 1994.

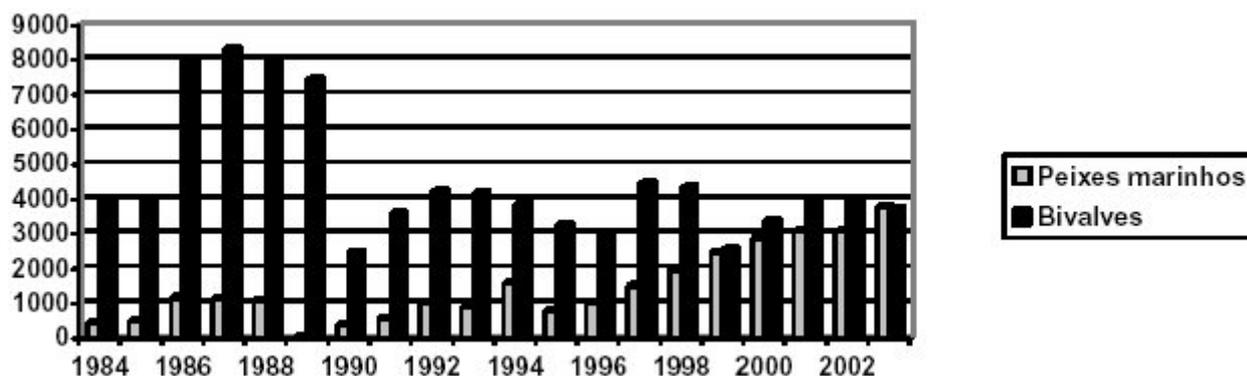


Fig. 4 – Evolução das produções de Peixes marinhos e Bivalves para o total do Continente no período entre 1984 e 2003 (Adaptado de [1], [2]).

Ensaaios vários efectuados por diversas equipas nacionais e pelo presente grupo já demonstraram que Portugal apresenta um forte potencial aquícola. Em Vila do Conde, por exemplo, ficou demonstrado que é possível produzir mexilhão em nove meses [3]. Em Espanha, na zona das Rias Bajas, região de forte mitilicultura, atinge-se o tamanho comercial em cerca de 18 meses [3], ou seja o dobro do tempo do verificado nas águas nacionais. A ostra também possui elevadas taxas de crescimento na zona do estuário do Sado, conseguindo-se um ciclo de produção em cerca de oito meses. Em França, na zona de Arcachon, região de excelência de produção ostreícola, leva 24 a 36 meses para a produção em curso atingir as dimensões comerciais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É do conhecimento geral que os produtos do mar constituem uma importante fonte de proteínas de alto valor biológico, uma vez que são ricos em ácidos gordos polinsaturados, sendo de fácil digestão, parte integrante de uma alimentação e vida saudável. Constituem cerca de 16% da proteína animal mundialmente consumida. Cerca de 1 bilião de pessoas no mundo obtém proteína de origem animal principalmente a partir destes produtos. Portugal é um forte consumidor em produtos do mar (cerca de 58.5 kg/pessoa/ano), sendo o 4º país a nível mundial, que mais produtos do mar consome.

As culturas marinhas em Portugal assentam fundamentalmente na produção quase exclusiva de Dourada e Robalo em regime de produção semi-intensivo. A reduzida diversidade de espécies produzidas na Aquacultura e a forte competitividade do mercado externo, conduziu a um decréscimo no custo do produto produzido, o qual está a pôr em risco a própria actividade. Por outro lado, gerou uma falta de confiança por parte dos Consumidores em produtos aquícolas. Há que fomentar a diversificação das espécies a produzir, tanto nos peixes como nos bivalves, no sentido de criar uma actividade competitiva no mercado internacional.

A aquacultura terá pois de crescer de uma forma sustentada. Contudo, a Aquacultura, sendo uma actividade que representa riscos ambientais potenciais, não deve ser encarada como inimiga do Ambiente.

Nos últimos anos, tem vindo a assistir-se a uma preocupação crescente por parte das Autoridades Comunitárias, quanto aos aspectos ligados à segurança alimentar de todos os produtos, nos quais se incluem os provenientes da Aquacultura. A confiança dos Consumidores na qualidade dos produtos certificados da Aquacultura, é indispensável para a viabilidade sócio-económica desta actividade.

5. AGRADECIMENTOS

Quero expressar o meu profundo agradecimento aos técnicos da DGPA, os quais me facultaram o acesso aos dados estatísticos, sem os quais teria sido difícil a concretização deste documento.

1ª Conferência Lusófona sobre o Sistema Terra – CluSTer
FC-UL, Lisboa 22-24 de Março de 2006

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

[1] - FAO. [Extraído de www.fao.org.]

[2] - DGPA- Tabelas de registo de produções anuais nacionais de 2000, 2001 e 2002. Tabelas gentilmente cedidas pelos profissionais por correio electrónico para os autores.

[3] - Serra, M. (Comunicação pessoal).